

O intelectual conformista: arte, autonomia e política no modernismo brasileiro

The conformist intellectual: art, autonomy and politics in Brazilian modernism

Resumo

O presente artigo examina a relação entre intelectuais e autonomia política no meio cultural brasileiro, enfocando um estudo de caso histórico: a atuação de dois dos principais líderes do movimento modernista, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, à época do Estado Novo. Em especial, são analisados aqui o contexto de dois pronunciamentos públicos realizados por eles: as palestras “O movimento modernista” (1942) e “O caminho percorrido” (1944), respectivamente. De que modo esses autores reagiram diante da forte pressão da ditadura varguista para controlar os meios de informação e o discurso cultural? Mário de Andrade apostou na tentativa de se aproximar do poder público, mas posteriormente se arrependeu e empreendeu uma autocrítica. Oswald de Andrade, envolvido com os meios comunistas, manteve-se longe do favor oficial a essa época. As decorrências de suas respectivas atitudes são indicativas da difícil posição do intelectual brasileiro perante o autoritarismo do Estado.

Palavras-chave: modernismo; intelectuais; Brasil; Estado Novo; Mário de Andrade; Oswald de Andrade.

Abstract

The present article examines the relationship between intellectuals and political autonomy in the Brazilian cultural context, focusing on a historical case study: the actions of two of the most important leaders of the modernist movement, Mário de Andrade and Oswald de Andrade. Special consideration is given to two

* Colaborador no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
E-mail: rafaelcardoso.email@gmail.com

lectures delivered by them, “The modernist movement” (1942) and “The path trodden” (1944), respectively. How did these authors react to powerful pressures by the Vargas dictatorship to control information and cultural discourse? Mário de Andrade attempted to draw near to the authorities, but afterwards publicly expressed regret and self-criticism. Oswald de Andrade, engaged in communist circles, kept a distance from official patronage at the time. The results of their respective attitudes are indicative of the difficult position of Brazilian intellectuals faced with an authoritarian State.

Key words: modernism; intellectuals; Brazil; Estado Novo; Mário de Andrade; Oswald de Andrade.

Os modernistas afogaram-se no amoralismo e na piada, tornaram-se ridículos diante do prenúncio de uma luta social com aquela mascarada que encerrava o ciclo inicial do movimento de 1922 [...]

Sou um péssimo comunista de partido, mas jamais serei um intelectual conformista, grudado pelo trazeiro [sic] às cadeiras das repartições públicas, o pensamento voltado para as nuvens da cultura decadente, sempre apto ao plágio e à bajulação.

Di Cavalcanti, 1964¹

As frases citadas em epígrafe constam do segundo relato autobiográfico publicado por Di Cavalcanti, *Reminiscências líricas de um perfeito carioca* (1964), que deu seguimento nove anos depois às memórias iniciadas com *Viagem da minha vida – I. O testamento do alvorecer* (1955).² Para bom entendedor – e, no Brasil de 1964, ser bom entendedor era questão de sobrevivência – é claríssimo a quem essas críticas eram endereçadas. Entre os que se afogaram

1 E[miliano] di Cavalcanti, *Reminiscências líricas de um perfeito carioca* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964), pp. 37-41.

2 Éder Silveira, “Di Cavalcanti memorialista – boemia, arte e política”, *V Encontro de História da Arte – IFCH/Unicamp* (2009), pp. 405-412.

no amoralismo e na piada, o principal suspeito era Oswald de Andrade, falecido havia dez anos, mas a cutucada era extensível aos que com ele fizeram a *Revista de Antropofagia*: Raul Bopp, Oswaldo Costa, Antônio de Alcântara Machado – os dois primeiros ainda em vida à época. Quanto aos intelectuais conformistas, grudados pelo traseiro às cadeiras de repartição, certamente sentiram incômodo ao lerem essa frase: Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet, entre outros vivos e ativos quando o livro apareceu.³ Talvez o único passível de ser enquadrado em ambas as críticas, Mário de Andrade, havia falecido em 1945. Essa rajada de metralhadora memorialística faz parte da seção em que Di justifica sua adesão ao Partido Comunista do Brasil, em 1928, e desanca “o caráter demasiadamente literário do movimento modernista de 1922”. Segundo o artista, seus antigos companheiros (ele cita nominalmente Mário, Oswald e Guilherme de Almeida) nada entendiam de política. “Eles riam de mim e não compreendiam meu apêgo incipiente aos estudos das novas doutrinas sociais.”⁴ O livro deixa transparecer que Di, por sua vez, continuava a prezar os velhos ideais comunistas.

O Brasil sendo a terra da cordialidade sestroza, os amigos de Di Cavalcanti fizeram vista grossa e boca de siri. Ninguém quis jogar a primeira pedra, muito menos vestir a carapuça. Também, havia outros assuntos prementes. O livro chegou às livrarias no dia 24 de março de 1964 – a uma semana do golpe – e seu lançamento foi anunciado como “a festa de despedida de Di, que dentro de poucos dias viajará para a França, onde exercerá as funções de adido cultural junto à nossa Embaixada”.⁵ O artista viajou, de fato, mas nunca assumiu o cargo. Com a deposição de João Goulart da presidência, subiram no telhado as nomeações ainda não efetivadas. A desventura de admitir por escrito que continuava a nutrir simpatias esquerdistas não deve ter ajudado a posição de Di junto ao novo regime. Tal detalhe dificilmente escaparia à atenção de um certo João Baptista de Figueiredo, oficial ativo do setor de inteligência militar, logo em seguida promovido a coronel e encarregado de chefiar a agência carioca do novíssimo Serviço Nacional de Informações (SNI). O futuro Presidente

3 Sobre a relação entre intelectuais modernistas e serviço público nessa época, ver Lauro Cavalcanti, org., *Modernistas na repartição* (Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/Iphan, 2000 [1993]), esp. pp. 9-23.

4 Di Cavalcanti, *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*, pp. 35-36.

5 José Condé, “Escritores e livros”, *Correio da Manhã* (Segundo Caderno), 24/03/1964, p.2. Ver ainda anúncio de lançamento do livro ao pé da mesma página, repetido no dia seguinte e veiculado também em outros jornais.

da República era irmão mais novo do dramaturgo e escritor Guilherme de Figueiredo, que dirigia a coleção “Rio 400” para a editora Civilização Brasileira, e o primeiro volume a ser publicado dessa coleção foi justamente o de reminiscências de Di. O livro acabou relegado aos acontecimentos literários de um ano de pouca literatura, mas a tomada de posição de seu autor gerou dividendos indiretos para Guilherme de Figueiredo. Na decorrência do golpe, ele foi nomeado adido cultural em Paris, em substituição ao pintor.⁶

Para além da curiosidade dos fatos, esse imbrólio em torno das memórias de Di Cavalcanti ilustra o intrincado das relações entre arte e política no Brasil, país em que a lógica inescapável dos elos interpessoais quase sempre se sobrepõe à quimera dos interesses públicos. Até que ponto é possível exercer a autonomia de ideias ou de convicções quando o sistema é minado constantemente por exceções, e a brutalidade do dia a dia atropela as boas intenções? O presente ensaio irá explorar essas questões por um viés histórico, focando pronunciamentos importantes de dois autores durante o período do Estado Novo: as palestras “O movimento modernista” (1942), de Mário de Andrade, e “O caminho percorrido” (1944), de Oswald de Andrade.⁷ Os dois ex-amigos de Di são emblemáticos dos liames emaranhados que enredam o intelectual que tenta abrir caminho em meio ao matagal da vida política no Brasil. A tirar pelo exemplo deles, o destino de quem se fia no facão é o mesmo de quem se pendura do galho mais à mão. No fim das contas, ambos acabam tragados pelo lodo.

O movimento modernista

Às 17 horas do dia 30 de abril de 1942, uma quinta-feira, Mário de Andrade realizou conferência na biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro, intitulada “O movimento modernista”.⁸ Encomendada pelo Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil, com o intuito de comemorar os vinte anos da Semana de Arte Moderna, a palestra de Mário acabou por se configurar

6 Elio Gaspari, *A ditadura acabada* (Rio de Janeiro: Intínseca, 2016), pp. 77-81, 206.

7 A aproximação dessas duas conferências foi feita por Silviano Santiago, “Sobre plataformas e testamentos”, In: Oswald de Andrade, *Ponta de lança* (São Paulo: Globo, 1991), pp. 7-24. Esse ensaio foi reimpresso em: Silviano Santiago, *Ora (direis) puxar conversa: Ensaios literários* (Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2006), pp. 113-131. Ver também Madalena Vaz Pinto, “Modernismo brasileiro: Que retrato do Brasil?”, *Semear*, n.10 (2004), pp. 153-166.

8 “Conferências”, *Correio da Manhã*, 30/04/1942, p.11.

em denúncia contundente do movimento do qual foi um dos líderes. O tom polêmico de sua fala pode ser apreendido de apenas duas frases, próximas à conclusão: “Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.” A partir de uma argumentação que mistura a narrativa pessoal à histórica, Mário acusa o movimento de 1922 de ter sucumbido aos defeitos do “individualismo” e do “abstencionismo” e se afastado da questão essencial do “amplio melhoramento político-social do homem”. Tampouco ele isenta sua própria produção dessa crítica: “toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável”. O palestrante conclui a fala com um apelo aos seus ouvintes para não ficarem à margem, espiando a marcha da história: “Marchem com as multidões”.⁹

A dura condenação de Mário ao modernismo tem ecoado de forma enviada pela historiografia. Todos conhecem a palestra, posteriormente publicada, ao ponto de Wilson Martins considerar “desnecessário analisar em pormenor a conferência de Mário de Andrade, texto que os amigos e os adversários do Modernismo sabem praticamente de cor”.¹⁰ Porém, poucos dão ao autor o crédito de levar suas críticas a sério. A quase totalidade das reações tem sido no sentido de desfazer da autocritica de Mário como exagerada ou de desviar a atenção para outros aspectos da palestra, como a defesa do “direito permanente à pesquisa estética”.¹¹ Mais recentemente, o imperativo de negar à fala de Mário seu sentido ostensivo tem conduzido a malabarismos intelectuais que incluem até o expediente de questionar a unidade do sujeito como narrador e rejeitar a autoridade do memorialista para ordenar suas próprias memórias.¹² A única hipótese que parece ter escapado à maioria dos críticos é de que Mário tivesse mesmo a intenção de dizer o que disse e que – talvez, não mais do que talvez – tivesse um pouco de razão.

9 Mário de Andrade, “O movimento modernista”, In: Mário de Andrade, *Aspectos da literatura brasileira* (São Paulo: Martins, 1974), pp. 253-255.

10 Wilson Martins, *A idéia modernista* (Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2002 [1965]), p.135. Ver também Lélia Coelho Frota, org., *Carlos e Mário: Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade* (Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002), pp. 470-473, n.1.

11 Andrade, “O movimento modernista”, p.242. Ver, entre outros, Alfredo Bosi, “O movimento modernista de Mário de Andrade”, *Literatura e Sociedade*, n.7 (2004), pp. 296-301; e José de Paula Ramos Jr., “Mário de Andrade e a lição do modernismo”, *Revista USP*, n.94 (2012), pp. 49-58.

12 José Luís Jobim, “O movimento modernista como memória de Mário de Andrade”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.55 (2012), pp. 13-26. Ver ainda Simone da Cruz Chaves, “22 por 1: O modernismo avaliado por Mário de Andrade”, *Grau Zero: Revista de Crítica Cultural*, v.1 (2013), pp. 9-22.

Para entender o sentido profundo das colocações de Mário de Andrade em “O movimento modernista”, é necessário recuar para o contexto em que a palestra foi pronunciada. O panorama de abril de 1942 afigurava-se sombrio para o poeta. A situação da Guerra Mundial era a pior possível. As forças do Eixo estavam no auge de sua expansão territorial, ocupando praticamente a Europa toda, o norte da África, grande parte da China e sudeste asiático. No Brasil, a ditadura do Estado Novo estava plenamente consolidada: censura, prisões, repressão, tortura, sem nenhum sinal das vozes de oposição silenciadas em 1937 e que começariam a se reafirmar somente em 1943, com o Manifesto dos Mineiros. No plano pessoal, Mário passava por momento de profundo abatimento moral, caracterizado por Eduardo Jardim como “processo de autodestruição”.¹³ Suas tentativas de conquistar espaços na Capital haviam terminado em frustração; e, após três anos no Rio de Janeiro, encontrava-se reduzido a papel secundário como colaborador no Ministério de Educação e Saúde. Tanto que, em 1941, decidiu retornar a São Paulo. Em seu pedido de licença ao ministro Gustavo Capanema, explicou estar “cheio de fobias e o diabo”. Mesmo de regresso ao lar, seu estado de ânimo pouco se recuperou, conforme atestam suas correspondências pessoais.¹⁴

A palestra no Itamaraty foi a primeira ocasião a trazer Mário de Andrade de volta ao Rio de Janeiro, depois desse recuo estratégico. O conteúdo dela vinha sendo elaborado, havia meses. A maior parte já estava pronta em fevereiro de 1942, quando Mário publicou quatro artigos no jornal *O Estado de S. Paulo* para marcar os vinte anos da Semana de 1922.¹⁵ Cotejando os textos, percebe-se logo que os artigos do *Estadão* correspondem grosso modo à palestra de abril, com uma discrepância significativa: a última seção, em que o autor desanca o modernismo e suas omissões no plano social e político, está ausente da primeira publicação. Algo se alterou no espírito de Mário, entre fevereiro e abril, que o levou a aprofundar suas considerações e escancarar sua dimensão crítica. Ou isso, ou então resolvera amenizar o tom acusatório, na primeira ocasião, para não estragar a festa no mês de aniversário da

13 Eduardo Jardim, *Eu sou trezentos: Mário de Andrade, vida e obra* (Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015), p.185.

14 Jardim, *Eu sou trezentos*, pp. 160-161, 175-176, 185-186; e Helena Bomeny, “Infidelidades eletivas: Intelectuais e política”, In: Helena Bomeny, org., *Constelação Capanema: Intelectuais e política* (Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001), pp. 28-29. Ver também Eduardo Jardim, *Mário de Andrade: A morte do poeta* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), esp. cap.2.

15 Os artigos foram republicados pelo jornal em 2002, em comemoração aos oitenta anos da Semana; <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,semana-de-22-por-mario-de-andrade,20020210p2229>.

Semana. Seja isso como for, permanece o fato de que os dois aspectos que mais incomodaram à historiografia – o repúdio ao movimento modernista e o *mea culpa* fervoroso por se omitir politicamente – estão ausentes da versão publicada no jornal paulistano.

Coincidência ou não, a reputação literária de Mário de Andrade sofreu um baque justamente no mês de março de 1942. No dia 21, sábado, o *Correio da Manhã*, mais importante diário da Capital, veiculou uma resenha de Álvaro Lins, então em ascendência como crítico literário, comentando a publicação de *Poesias* (1941), volume que reunia a maior parte da produção poética de Mário. O crítico condena “a fatal desigualdade” da obra do poeta e aponta sistematicamente suas insuficiências, denunciando que sua essência poética nunca teria alcançado uma forma de expressão à altura. Acusa sua poesia de carecer de maior profundidade e de se perder em artifícios, no pitoresco, na pilhéria fácil. Ainda descreve Mário como “mais uma personalidade do que um autor, pelo menos no domínio da poesia”. A crítica é tão mais arrasadora por ser respeitosa, por levar em consideração o valor e a importância de Mário na vida literária de sua época, assim como sua originalidade e vigor. Cobre-lhe largamente de elogios que depois são desfeitos no varejo. Pior de tudo, a condenação de Lins, então com 29 anos de idade, vem revestida de julgamento da juventude contra os mais velhos: “A minha geração ultrapassou, porém, o chamado do movimento modernista, e de tal modo que muitas das suas novidades já nos parecem hoje sem qualquer sentido.” Com propriedade e embasamento, o crítico consigna a produção poética de Mário à “imagem grave e atormentada de um homem que se procura a si mesmo”.¹⁶

Mesmo sem querer superdimensionar a importância do fato, não dá para desconsiderar o impacto dessa crítica sobre o poeta. A partir dela, Mário de Andrade iniciou um diálogo com Álvaro Lins – por crônica e correspondência – que duraria até o final de sua vida. Três dias depois do texto sair no *Correio da Manhã*, Mário escreveu uma primeira carta ao autor. Em vista das reprimendas ao seu trabalho poético, a reação foi bem mais positiva do que se poderia esperar, e ele chegou a se confessar confortado pelos elogios contidos no texto.¹⁷ Mário já conhecia Lins pelos escritos. Dois anos antes, em 1940, havia sido um dos primeiros a saudar a jovem promessa, reconhecendo-o

16 Álvaro Lins, “Crítica literária. Poesia e forma”, *Correio da Manhã*, 21/03/1942, p.2.

17 [Mário de Andrade], *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1983), esp. pp. 46-51. Ver também Coelho Frota, *Carlos e Mário*, p.476, n.6.

como “um crítico excelente, que deve perseverar na crítica”.¹⁸ Uma vez que já havia dado seu aval, não podia voltar atrás somente porque passou à condição de alvo. As cartas para Lins continuaram. Em julho de 1942, quase três meses depois da conferência de abril, Mário ainda discutia sua “confissão final”, esmiuçando-a em termos psicanalíticos e negando que se tratasse de “autopunição”.¹⁹ O tom confessional do missivista sugere um desejo de absolvição, como se o jovem crítico possuísse o poder de livrá-lo do juízo da História. De fato, Lins viria a se tornar um dos primeiros a realizar balanço crítico da obra de Mário, em maio de 1946.²⁰

Nos anos seguintes a 1942, Mário de Andrade procedeu a um exame de consciência e passou a exercer, não sem coragem, a autocrítica. A palestra “O movimento modernista” marca o início de um processo de penitência pública por ter colaborado com a ditadura do Estado Novo. Em entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa e publicada na revista *Diretrizes*, em janeiro de 1944, Mário escancara essa questão e acusa: “uma grande parte da inteligência brasileira vendeu-se aos donos da vida”. Nem ele se exime do pecado do colaboracionismo. Declara-se “arrepentidíssimo” por ter contribuído para a revista *Atlântico*, projeto que unia o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), sob Lourival Fontes, com seu correspondente salazarista em Portugal, o Secretariado de Propaganda Nacional, sob responsabilidade de António Ferro.²¹ Contudo, a autocrítica de Mário não se estendeu à sua passagem pela Universidade do Distrito Federal, para assumir o cargo de professor de Filosofia e História da Arte que foi o pretexto para sua mudança para o Rio de Janeiro.

18 Mário de Andrade, “Um crítico”, In: Mário de Andrade, *O empalhador de passarinho* (São Paulo: Martins/INL, 1972), pp. 199-203.

19 *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*, pp. 66-67.

20 Álvaro Lins, “A crítica de Mário de Andrade”, In: *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*, pp. 21-29.

21 Telê Porto Ancona Lopez, “A arte tem de servir: Transcrição de uma entrevista de Mário de Andrade”, *Almanaque*, n.8 (1978), pp. 35-39. Ver Alex Gomes da Silva, “A recriação ‘atlântica’ do processo colonizador português. A revista *Atlântico* (1941-1945)”, *Revista Angelus Novus*, n.2 (2011), pp. 110-141.

Em 1938, quando Mário de Andrade ingressou no Instituto de Artes, o projeto escolanovista da UDF já estava em pleno processo de desmonte, seguindo-se à caça às bruxas anti-comunista de 1935 a 1936.²² Diante da repercussão que atingiu na imprensa a demissão de Anísio Teixeira e Celso Kelly, assim como a cassação do prefeito Pedro Ernesto, ainda em 1936, era impossível ignorar o que significava atender ao convite de colaborar com os novos dirigentes da casa. Com Alceu de Amoroso Lima na reitoria da UDF e o escritor Cornélio Penna na direção do Instituto, não pairava dúvida quanto ao sentido católico e tradicionalista que se buscava imprimir a esse projeto educacional, em reviravolta completa à visão promovida pelos artistas modernistas sob a direção anterior.²³ Mesmo assim, Mário parece ter se decepcionado com o fechamento da UDF em 1939 e sua absorção subsequente pela Universidade do Brasil, queixando-se a Capanema: “lastimo dolorosamente que se tenha apagado o único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil”.²⁴ Após a perda do cargo de professor, ele passou dois anos gravitando em torno do Ministério da Educação, onde nunca conseguiu nenhuma posição mais graduada do que a de assessor técnico. Sem maior ascendência sobre o ministro Capanema, sua atuação ficou atolada na zona morta da disputa de influência entre Alceu de Amoroso Lima e Carlos Drummond de Andrade.

Na entrevista de 1944, Mário de Andrade adota um linguajar atípico para quem só conhece seus escritos anteriores. Abraça uma “noção proletária da arte” e afirma que a ideia de arte pura é sofisma e “pseudoliberalidade”, que o artista que pensa somente em servir à sua arte, sem considerações políticas,

22 Ver Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny & Vanda Maria Ribeiro Costa, *Tempos de Capanema* (São Paulo: Paz e Terra/FGV, 2000), pp. 221-246; e Rafael Cardoso, “Modernismo e contexto político: A recepção da arte moderna no *Correio da Manhã* (1924-1937)”, *Revista de História* (USP), n.172 (2015), pp. 358-359.

23 Sobre o desmonte da UDF, ver Clarice Nunes, “As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema no governo Vargas”, In: Bomeny, *Constelação Capanema*, pp. 103-125; e Laila Maia Galvão, *Constituição, educação e democracia: a Universidade do Distrito Federal (1935-1939) e as transformações da Era Vargas* (tese de doutorado inédita, Programa de Pós-graduação em Direito, Estado e Constituição, Universidade de Brasília, 2017). Sobre a passagem de Cornélio Penna pelo Instituto de Artes, ver Marcelo Secron Bessa, “Cornélio Penna: Um escritor na contramão”, *Semear*, n.4 (2000), pp. 87-98; e André Luis Rodrigues, *Fraturas no olhar: Realidade e representação em Cornélio Penna* (tese de doutorado inédita, Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, 2006), pp. 12-13, 26.

24 Bomeny, “Infidelidades eletivas”, p.28.

“está sendo um instrumento nas mãos dos poderosos”. “A arte tem de servir,” afirma, referindo-se à função social de aproximar o intelectual do povo. “Ninguém pode cruzar os braços, ficar acima das competições sociais,” assevera, “[t]odos participam da luta, mesmo contra a vontade.”²⁵ O tom combativo, quase marxista, dessas falas seria do agrado dos leitores anti-fascistas da *Diretrizes*. A revista era conhecida então por forçar o limite do dissenso possível em um contexto onde nenhuma oposição era tolerada (tanto que viria a ser proibida pelo DIP, seis meses depois).²⁶ Porém, a mudança de posição era drástica demais para ser atribuída apenas a um cálculo, da parte do entrevistado, no sentido de amoldar sua fala para aquele público leitor. Poucos anos antes, em 1941, Mário havia rechaçado com veemência o que chamou de “a tese da ‘arte social’”, termo empregado pelos integrantes do Clube da Cultura Moderna e promotores da *Exposição de Arte Social* (1935) – Aníbal Machado, Álvaro Moreyra, Tomás Santa Rosa, Paulo Werneck, entre outros – para designar o engajamento político de esquerda que era esperado dos artistas modernistas na década de 1930.²⁷

No final da vida, a posição de Mário de Andrade se tornou ainda mais radical, conforme expressa no ensaio sobre Shostakovich publicado depois da sua morte.²⁸ Essa guinada política entre 1942 e 1945 precisa ser elucidada e não simplesmente descontada com um diagnóstico póstumo de depressão, o que seria desmerecer as opiniões do autor por meio de um discurso médico espúrio. Cabe levar em consideração algumas inquietações que devem ter pesado sobre ele nos últimos anos. Primeiramente, a frustração devida às sucessivas derrotas sofridas no plano profissional. Em segundo lugar, a mágoa de ver sua obra literária rejeitada por uma opinião crítica que respeitava

25 Lopez, “A arte tem de servir”, pp. 37-39.

26 Danilo Wenseslau Ferrari, “Diretrizes: A primeira aventura de Samuel Wainer”, *Revista Histórica (Arquivo Público do Estado de São Paulo)*, n.31 (2008). Ver também Maria Helena Capelato, “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”, In: Dulce Pandolfi, org., *Repensando o Estado Novo* (Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999), pp. 167-178.

27 Mário de Andrade, “Elegia de Abril”, In: Andrade, *Aspectos da literatura brasileira*, p.188. Sobre a movimentação em torno da ‘arte social’, ver Aracy A. Amaral, *Arte para quê?: A preocupação social na arte brasileira 1930-1970* (São Paulo: Nobel, 1984), pp. 49-55; Aníbal Machado, “Mostra de Arte Social”, In: Raul Antelo, org., *Parque de diversões – Aníbal Machado* (Belo Horizonte: UFMG & Florianópolis: UFSC, 1994), pp. 149-158; e Frederico Morais, *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro, 1816-1994* (Rio de Janeiro: Topbooks, 1995), pp. 153-158.

28 Pedro Fragelli, “Engajamento e sacrifício: O pensamento estético de Mário de Andrade”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.57 (2013), pp. 83-110. Ver também Jardim, *Eu sou trezentos*, pp. 199-202.

– em especial, o juízo ácido de Álvaro Lins – e a constatação de que o movimento modernista caía em descrédito entre intelectuais jovens da Capital. Em terceiro lugar, o remorso por ter colaborado com os órgãos da ditadura varguista, admitida em parte na entrevista à Diretrizes. No plano maior dos acontecimentos, havia as transformações da situação geopolítica. Com a virada favorável à causa dos Aliados, entre 1943 e 1944, a vitória na Europa já se anunciava; e, mesmo circulado de modo clandestino, o Manifesto dos Mineiros alimentava a esperança de que o fim da Guerra trouxesse também a queda do Estado Novo. Para um agente cultural com a sagacidade de Mário, não devia ser difícil perceber que os tempos estavam mudando e que era preciso angariar boa vontade do lado dos possíveis vencedores. Esta conclusão o remetia a outro grande fantasma de sua existência: sua antiga amizade com Oswald de Andrade, rompida em 1929.

O caminho percorrido

Ao contrário de seu eterno rival pela liderança do movimento modernista, Oswald de Andrade percorreu um caminho bem longe dos centros de poder durante a Era Vargas. Amigo e afilhado dos maiores do Partido Republicano Paulista – Washington Luís e Júlio Prestes foram padrinhos do seu casamento com Tarsila do Amaral – as boas relações de Oswald evaporaram, de noite para dia, com o sucesso do movimento revolucionário de outubro de 1930. Era o golpe final de um ano de sobressaltos na vida do escritor, que se iniciara com a quebra da bolsa de Nova York, em outubro de 1929, e culminara com sua separação de Tarsila, em meio a transtornos financeiros.²⁹ Caso não houvesse se indisposto com Mário de Andrade – enxovalhado pela *Revista de Antropofagia*, entre março e julho de 1929, ao ponto que acabou rompendo definitivamente a amizade com Oswald – talvez pudesse ter recorrido a ele para pedir ajuda.³⁰ Como colunista do *Diário Nacional*, órgão

29 Nádya Battella Gotlib, *Tarsila do Amaral: A musa radiante* (São Paulo: Brasiliense, 1983), pp. 77-80; Sérgio Miceli, *Nacional estrangeiro: História social e cultural do modernismo em São Paulo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003), pp. 142-149; e Maria Augusta Fonseca, *Oswald de Andrade: Biografia* (São Paulo: Globo, 2007), pp. 218-221.

30 Para os motivos da ruptura entre os Andrades, ver *Revista de Antropofagia*, II, n.3 (Diário de S. Paulo, 31/03/1929), p.6; Tamararé, “Moquem. III-Entradas”, *Revista de Antropofagia*, II, n.6 (Diário de S. Paulo, 24/04/1929), p.10; *Revista de Antropofagia*, II, n.15 (Diário de S. Paulo, 19/07/1929), p.12. Ver também Aracy A. Amaral, org., *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral* (São Paulo: Edusp, 2001), p.106; e Coelho Frota, *Carlos e Mário*, p.437, n.10.

do Partido Democrático, Mário viu-se alinhado subitamente com o lado vencedor em 1930, já que o PD havia apoiado Getúlio em São Paulo, contra o PRP deposto.³¹

Sob o novo regime varguista, a existência de Oswald de Andrade transformou-se em processo de gradativo declínio financeiro. Neto de fazendeiro escravista, filho único de pai vereador e grande proprietário de imóveis na cidade de São Paulo, feliz dono de uma garçonnière na Rua Líbero Badaró e de um Cadillac verde que entraram ambos para o anedotário do modernismo paulista, Oswald nunca perdeu o costume de olhar para a vida social de cima para baixo. Porém, suas circunstâncias materiais até sua morte em 1954 foram-se tornando cada vez mais reduzidas.³² A escolha bem-humorada do título para seu livro de memórias, *Um homem sem profissão* (1954), reforça o quanto o escritor enxergava a si mesmo como estando à margem da normalidade burguesa em que fora criado e que tentou retomar nos anos 1950 por meio de uma candidatura a deputado federal, bem como uma tentativa de virar professor de filosofia na USP, ambas malogradas.³³

Em 1931, Oswald de Andrade aderiu ao PCB. Casado a essa época com Patricia Galvão, a poeta Pagu, ambos travaram contato pessoal com Luiz Carlos Prestes, encontro que alterou definitivamente o rumo de suas vidas.³⁴ Entregaram-se a uma fase de militância intensa nos anos 1931 a 1933. Juntos, criaram e editaram o semanário *O Homem do Povo*, jornal de efêmera duração que contou com a colaboração de Astrojildo Pereira, então recém afastado da secretaria-geral do partido que ajudara a fundar em 1922.³⁵ Pagu e Oswald

31 Jardim, *Eu sou trezentos*, pp. 107-109. Ver também Mário de Andrade, *Táxi e crônicas no Diário Nacional* (São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976). Sobre as relações interpessoais entre os modernistas paulistas, ver Miceli, *Nacional estrangeiro*, pp. 112-116.

32 Ver Maria Eugênia Boaventura, *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade* (São Paulo & Campinas: Ex-Libris & Ed. Unicamp, 1995), pp. 184-185; Fonseca, *Oswald de Andrade*, p.300; e Marília de Andrade & Êsio Macedo Ribeiro, orgs., *Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco zero* (São Paulo: Edusp, 2003), pp. 16-18, 66-69.

33 Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão: Memórias e confissões. I volume 1890-1919. Sob as ordens da mamãe* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1954), pp. 21-34. Ver ainda Fonseca, *Oswald de Andrade*, p.294.

34 Geraldo Galvão Ferraz, org., *Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patricia Galvão* (Rio de Janeiro: Agir, 2005), pp. 75-76.

35 Ver Aurora Cardoso de Quadros, *Oswald de Andrade no jornal O Homem do Povo* (tese de doutorado inédita, Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, 2009), esp. pp. 29-51. Ver também Valdeci da Silva Cunha, "O Homem do Povo: Oswald de Andrade e o jornalismo engajado", *Em Tese*, v.16 (2010), pp. 36-55.

sufriam com as tensões que regem a relação entre intelectuais e cúpula partidária nas agremiações dedicadas à causa operária, e também com o julgamento dos meios burgueses escandalizados com sua ideologia e mesmo com sua união conjugal. Por conta da desconfiança de uns e do ressentimento de outros, prevalece certa tendência a questionar a sinceridade do compromisso de Oswald ou a desdenhar de sua relação com o PCB.³⁶ No entanto, o escritor manteve-se próximo aos meios comunistas durante quase quinze anos, participando de iniciativas jornalísticas, educacionais e teatrais, e só veio a romper com o partido em 1945 – por ironia, no momento em que o PCB retornava à legalidade.³⁷ É quase impossível asseverar exatamente o que ocorreu, ou não, durante o período de clandestinidade do partido, quando prevaleceu esforço concertado para apagar rastros e encobrir informações. Se Oswald foi ‘bom comunista de partido’, conforme a formulação de Di Cavalcanti, é questão em aberto. Que ele era tido como comunista, à época, não resta dúvida.

Ao pronunciar a conferência “O caminho percorrido”, em maio de 1944, Oswald de Andrade teria sido percebido por seus ouvintes como um opositor do Estado Novo ou, pelo menos, como uma de suas vítimas. Ao contrário de tantos intelectuais que colaboraram com os órgãos da ditadura responsáveis por distribuir encomendas e cargos – em especial, o DIP e o Ministério da Educação – o antigo antropofagista detinha a autoridade moral, naquele momento, para proferir juízos tonitruantes a respeito da conduta alheia.³⁸ Assim, ele não hesitou em aproximar Plínio Salgado e Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu de Amoroso Lima) dos “ideólogos do neofascismo americano”, nem em enaltecer Anibal Machado e Carlos Drummond de Andrade por “permanecerem irredutíveis nas suas trincheiras de progresso e de

36 Ver Marcio Luiz Carreri, “Oswald de Andrade e o PCB na década de 1930: Moderno, modernidade e diálogo social”, *ANPUH – XXVII Simpósio Nacional de História* (2013); e Marcio Luiz Carreri, *O socialismo de Oswald de Andrade: Cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930* (tese de doutorado inédita, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015), pp. 48-63, 120-126.

37 Sobre a relação de Oswald com o PCB, ver Boaventura, *O salão e a selva*, pp. 154-156, 177-178, 234-235; José João Cury, *O teatro de Oswald de Andrade: Ideologia, intertextualidade e escritura* (São Paulo: Annablume, 2003), pp. 46-47; Juliana Neves, *Geraldo Ferraz e Patricia Galvão: A experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo, nos anos 40* (São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005), pp. 44-49; Fonseca, Oswald de Andrade, pp. 228-233, 296-299; e Maria Prestes, *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes* (Rio de Janeiro & São Paulo: E-papers & Anita Garibaldi, 2012), p.60.

38 Sobre o DIP e os intelectuais, ver Mônica Pimenta Velloso, “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, *Revista de Sociologia e Política*, n.9 (1997), pp. 57-74; e Lucia Lippi Oliveira, “O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo”, In: Bomeny, *Constelação Capanema*, pp. 37-58.

democracia”, mesmo “nos piores anos, nos anos de grande traição”. Com a Europa sob bombardeio intenso dos Aliados e a expectativa de uma invasão próxima para libertar o continente ocupado pelos nazistas, o público de Belo Horizonte não teria nenhuma dificuldade de identificar de que lado o escritor se postava. “Num mundo que se dividiu num combate só, não há lugar para neutros ou anfíbios,” pontificou Oswald, conclamando os presentes: “Tomai lugar em vossos tanques, em vossos aviões, intelectuais de Minas!”³⁹

A retórica hiperbólica não se deve apenas à personalidade exagerada do orador. Cada palavra daquela conferência havia sido calculada para dar sustento à tese central anunciada logo em seu primeiro parágrafo: que a Belo Horizonte de 1944 estava fadada a concluir a trajetória iniciada em São Paulo em 1922. A ocasião da palestra era a grande *Exposição de Arte Moderna* (1944) – “por iniciativa do prefeito Juscelino Kubitschek de Oliveira e sob o patrocínio da prefeitura de Belo Horizonte”, conforme anunciava em letras maiúsculas sem serifa a folha de rosto do catálogo – que trouxe para a capital mineira os principais nomes do modernismo brasileiro, inclusive alguns que andavam afastados do favor oficial. Após os anos de vacas magras, em que muitos intelectuais e artistas se viram obrigados a escolher entre ficar a serviço da ditadura ou deixarem de trabalhar, a gana de JK de patrocinar iniciativas culturais de cunho modernista era um chamariz irresistível. O ‘prefeito furacão’, como fora apelidado, foi projetado à fama nacional ao fazer construir o conjunto arquitetônico da Pampulha, entre 1942 e 1944, e já despontava no imaginário nacional como um político com potencial para alçar voos mais altos.

Para os que nutriam simpatias comunistas, como Oswald de Andrade, o momento era de uma esperança inebriante. Além do jovem prefeito, simpático à causa modernista, o fim iminente da Guerra acenava com a promessa de novos tempos. Os católicos, reacionários e fascistas que vinham dominando a vida institucional brasileira, havia quase uma década, seriam varridos do poder pela nova aliança entre democratas e esquerdistas. Confiante da sua posição, o palestrante se deu ao luxo até de tripudiar Tristão de Athayde por se ver obrigado a engolir suas pregações antirussas anteriores e aderir ao que Oswald chamou de “remada para a esquerda”.⁴⁰ Naquele momento ímpar de 1944 para 1945, Moscou e Washington eram aliados lutando juntos para livrar o mundo de um inimigo em comum: a extrema-direita ultranacionalista

39 Oswald de Andrade, “O caminho percorrido”, In: Oswald de Andrade, *Ponta de lança: Polêmica* (Obras completas, v.5) (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1971), pp. 99-101.

40 Andrade, “O caminho percorrido”, p.96.

e racista. Cosmopolita por gosto e internacionalista por ideologia, Oswald identificava o perigo que o nacionalismo extremado do Estado Novo representava para os ideais modernistas. Aos seus ouvintes, avisou:

Querer que a nossa evolução se processe sem a latitude dos países que avançam é a triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas, particularmente tolerada pela Polícia Especial, e que nos quis infligir um dos grupos modernistas, o Verde-Amarelo, chefiado pelo Sr. Cassiano Ricardo.⁴¹

O nativismo do movimento Verde-Amarelo, velho inimigo da Antropofagia, encontrara terreno fértil no fascínio dos intelectuais do Estado Novo por questões de raça e folclore.⁴² Não somente Cassiano Ricardo ou Menotti del Picchia, na literatura, mas também as concepções etnográficas de Oliveira Vianna e Roquette Pinto encontravam portas abertas no gabinete do ministro Capanema.⁴³ Com a derrocada iminente do eugenismo fascista, Oswald sonhava com a retomada do rumo perdido.

A estratégia retórica de “O caminho percorrido” funda-se na tentativa de construir uma ponte entre o modernismo artístico e o movimento tenentista. Logo no início da palestra, Oswald de Andrade postula a conexão: “Nunca se poderá desligar a *Semana de Arte* que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, no mesmo ano.”⁴⁴ A partir daí, ele traça a evolução dos dois movimentos, a passos largos, forjando paralelos entre literatura e política. O caminho que ele quer traçar se desdobra em duas trilhas: a “insubmissão contra os processos políticos que oprimiam a gente brasileira” e o “aparecimento de um novo personagem no

41 Andrade, “O caminho percorrido”, p.95.

42 Ver Poronominare, “Uma adesão que não nos interessa”, *Revista de Antropofagia*, II, n.10, In: *Diário de S. Paulo*, 12/06/1929, p.10. Ver também Mônica Pimenta Velloso, “A brasilidade verde-amarela: Nacionalismo e regionalismo paulista”, *Estudos Históricos*, v.6 (1993), pp. 89-112; Olivia Maria Gomes da Cunha, “Sua alma em sua palma: Identificando a ‘raça’ e inventando a nação”, In: Pandolfi, *Repensando o Estado Novo*, pp. 257-288; e Luiza Franco Moreira, *Meninos, poetas e heróis: Aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo* (São Paulo: Edusp, 2001), esp. pp. 90-101.

43 Paulo Knauss, “O homem brasileiro possível: Monumento da juventude brasileira”, In: Paulo Knauss, org., *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999), pp. 31-33. Ver também Giralda Seyferth, “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”, In: Pandolfi, *Repensando o Estado Novo*, pp. 212-218; Maria Stella Martins Bresciani, *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil* (São Paulo: Ed. Unesp, 2005), pp. 27-28, 348-350.

44 Andrade, “O caminho percorrido”, p.94.

romance nacional – o povo”. Para emprestar um mínimo de coerência a essa interpretação, ele é obrigado a privilegiar os fatos que coadunam com ela. Da história tenentista, ele enaltece a Revolução de 1924 e a Coluna Prestes. Da literatura modernista, ele destaca o romance social e a sociologia da década de 1930. As duas trilhas juntam-se novamente na reta de chegada que é a luta antifascista presente: “O inimigo está vivo e ainda age”. Em prol da derrota desse inimigo, Oswald invoca o “compromisso dos inconfidentes”, mesmo sabendo que para o público mineiro de 1944 a referência à Inconfidência remeteria mais prontamente aos signatários do Manifesto dos Mineiros do que ao PCB proscrito.⁴⁵

O mais fascinante, em termos discursivos, são os marcadores escolhidos por Oswald de Andrade para pontuar os desvios do tal caminho percorrido. Com sua verve habitual, ele ridiculariza inimigos como Tristão de Athayde, que “está tingindo a cabeça de acaju”, e Cassiano Ricardo, que apelida de “ratazana em molho-pardo”. Mas, também descortina uma perspectiva reveladora ao aprofundar sua análise de como o grupo da Semana de 1922 “se bi-partiu”. De um lado, ele coloca Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, alinhando-os com “os caminhos que levariam à revolução paulista de 1932”. Do outro, ele coloca a si e aos companheiros da Antropofagia – “o ápice ideológico” do modernismo, “o primeiro contato com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro”. Do ponto de vista de 1944, Oswald reconfigura as disputas modernistas do final da década de 1920 em termos de uma cisão clara de direita versus esquerda – entre os defensores dos interesses das velhas oligarquias e os novos paladinos do povo. Ele afirma que os do seu grupo, “nos tornamos os vira-latas do modernismo” após o terremoto político de 1930. “Os vira-latas comeram cadeia, passaram fome, pularam muros,” mas salvaram “o sentido do modernismo”.⁴⁶

A narrativa de Oswald de Andrade glorifica a vitória vindoura por meio de uma leve caricatura dos fatos passados. Quando dos acontecimentos de outubro de 1930, nem eles, os antropofagistas, estavam tão indentificados com o antifascismo, e nem o outro lado obteve tanta ascendência assim sobre os rumos do modernismo no Brasil. Ao contrário, entre 1930 e 1935, o movimento modernista viveu um período de grande pluralidade de organizações

45 Andrade, “O caminho percorrido”, pp. 97-99.

46 Andrade, “O caminho percorrido”, pp. 96-97.

e lideranças.⁴⁷ Uma omissão gritante da versão da história contada por ele é Mário de Andrade. Oswald menciona seu ex-amigo de raspão, para dizer que foi ele o responsável por lançar o primeiro livro de Mário, mas passa ao largo de sua influência considerável sobre os rumos do modernismo. A história contada por Oswald omite, ainda por cima, qualquer menção ao Estado Novo. Trata-se do grande ‘elefante na sala’ do seu discurso – aquilo que nunca é nomeado, mas que está presente nas entrelinhas de todas as frases. Ao polarizar a discussão entre os dois extremos do antifascismo vitorioso e do fascismo derrotado, ele encobre o imenso terreno do meio: o pântano amorfo de interesses cruzados, acordos escusos e colaboracionismo mais ou menos descarado que, no contexto brasileiro, engloba a vasta maioria dos agentes.

Se o triunfalismo de “O caminho percorrido” escorrega na caricatura, o mesmo não pode ser dito com relação ao modo como a palestra encampa a memória da derrota. Há verossimilhança nos trechos em que Oswald de Andrade fala que os seus pagaram um “tributo político” ou, ainda, que o espírito revolucionário de 1930 “sangra aqui nos cárceres de Tiradentes que a América reabriu”. A menção repetida a prisões e presídios culmina, dramaticamente, em apelo para “que se abram todos os cárceres políticos do Brasil”.⁴⁸ Dado o contexto ainda vigente de censura e repressão, a fala deve ter causado arrepios ao público ouvinte. Naquele momento, a legitimidade do orador derivava não de seu passado modernista, de seus feitos no mundo literário, mas do seu envolvimento notório com os meios comunistas. Companheiro de Pagu, Tarsila, Di Cavalcanti – todos os quais sofreram prisão política por serem de esquerda – e partidário de Prestes e Astrojildo Pereira, Oswald dizia ali com todas as letras uma verdade que poucos ousavam pronunciar em público. Nesse sentido, a omissão que ele fez de alguns nomes conhecidos do modernismo servia para chamar a atenção, por contraponto, aos que se calavam e continuavam a prestar serviços para os mandatários da violência.

47 Ver Cardoso, “Modernismo e contexto político”, pp. 352-355. Ver ainda Angela de Castro Gomes, *Essa gente do Rio...: Modernismo e nacionalismo* (Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999), pp. 72-76, 97-103.

48 Andrade, “O caminho percorrido”, pp. 97, 99.

Entre a cruz e a cadeira de repartição

O epílogo dessa história dos ex-amigos é conhecida. Mário de Andrade morreu em fevereiro de 1945, menos de três meses antes da vitória dos Aliados na Europa e oito meses antes da deposição de Getúlio pelo movimento militar que pôs fim ao Estado Novo. Tinha 51 anos e caminhava para o ostracismo, à margem do aparato oficial e sem ambiente nos meios oposicionistas que começara a cortejar tardiamente. Sustentava-se nos poucos amigos: os antigos como Sérgio Milliet e Carlos Drummond, e os novos como Álvaro Lins, Guilherme de Figueiredo e os jovens da revista *Clima*, que seriam responsáveis em boa parte por reabilitar sua reputação póstuma.⁴⁹ Oswald de Andrade morreu em outubro de 1954, três meses após o suicídio de Getúlio, aos 64 anos de idade. Viveu para ver o começo de sua reinvenção pelo mesmo grupo de críticos e ainda teve tempo para polemizar com “o Sr. Antônio Cândido e seus *chato-boys*”.⁵⁰ Decididos a salvar de suas próprias patacoadas “o ser complexo e estranho que é Oswald de Andrade” (no dizer de Antônio Cândido), os jovens da *Clima* fizeram o possível para aparar as arestas patriarcais do escritor e transmitir seu legado para a próxima geração, que o redescobriria desbundada na década de 1960.⁵¹

Outros amigos da mesma geração modernista – Tarsila, Di, Bandeira, Drummond, Portinari – viveram ainda longos anos. Com exceção de Di Cavalcanti, que remexeu um pouquinho no vespeiro com sua crítica ao intelectual conformista, a maioria preferiu anistiar suas memórias. Drummond, em particular, é um caso que merece ser estudado com maior profundidade. Os onze anos que passou no seio do regime varguista, como chefe de gabinete de Capanema, deram lugar a um flerte confuso com o PCB após 1945 e depois ao apatidarismo e silêncio.⁵² Conforme sugere Helena Bomeny, seu comportamento não pode ser descartado com qualquer explicação circunstancial,

49 Ver Heloisa Pontes, *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-68)* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), pp. 23-50; e ainda Antônio Cândido, “O Mário que eu conheci”, In: Telê Porto Ancona Lopez, org., “*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta*”: uma “autobiografia” de Mário de Andrade (São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1992) [republicado em *Digestivo Cultural*, 24/03/2008, http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=246&titulo=O_Mario_que_eu_conheci].

50 Oswald de Andrade, “Antes do ‘Marco Zero’”, In: Andrade, *Ponta de lança*, pp. 42-47.

51 Antônio Cândido, “Prefácio inútil”, In: Andrade, *Um homem sem profissão*, pp. 9-15.

52 Marcelo Bortoloti, “Drummond e o Partido Comunista”, *Blog do IMS*, 13/03/2013.

da ordem da amizade ou da índole pessoal, mas antes precisa ser contextualizado dentro de um movimento maior em que intelectuais se sentiram compungidos a contribuir para a “montagem de um Estado nacional com vistas ao estabelecimento de políticas de proteção para esferas importantes da vida social”.⁵³ Nesse sentido, o dilema de servir a dois senhores, vivido longamente por Drummond, faz parte da condição corriqueira do intelectual latinoamericano. Em países onde existe uma relativa falta de solidariedade entre as elites dirigentes e a coletividade dirigida, a tentação de enxergar o Estado como tábua de salvação é tão grande que independe, em boa medida, das feições políticas que o mesmo acabe por tomar.

Os numerosos exemplos da relação entre *intelectuais e classe dirigente no Brasil* – seguindo a já clássica formulação de Sérgio Miceli – demonstram que o chamado ao cargo público é quase irresistível no meio cultural brasileiro. Quantos não passaram a vida a perseguir uma nomeação? Quantos mais não sacrificaram seus princípios e ideais para manter o cargo depois de consegui-lo? Nesse sentido, tanto Oswald de Andrade quanto Mário de Andrade poderiam ser considerados vítimas de um sistema perverso, em que o único modo de conquistar a independência social seria a serviço do Estado – porém, com o condicionante de ser interdito exercer em seu seio qualquer autonomia intelectual, principalmente no que tange a críticas de ordem política. A crueldade desse paradoxo fica ainda mais gritante ao comparar o destino de quem se mantém (ou é mantido) à margem do sistema com aquele dos conformistas, que se submetem a contragosto, ou mais ainda, com o dos adesistas que abraçam com entusiasmo a lógica da dominação e do mando. Preservar a autonomia de ideias, nesse sistema cultural, significa sustentar-se com dificuldade e tornar-se marginal. Os que fazem essa opção costumam ficar isolados e, no mais das vezes, acabam esquecidos. Nesse sentido, pelo menos, os ex-amigos dessa história deram sorte. Inconformados ou conformistas, seus nomes e suas obras ficaram para a posteridade.

53 Bomeny, “Infidelidades eletivas”, p.17. Ver também Lauro Cavalcanti, “Modernistas, arquitetura e patrimônio”, In: Pandolfi, *Repensando o Estado Novo*, p.182.

Referências

- AMARAL, A. *Arte para quê?: A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Nobel, 1984.
- _____. (org.). *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ANDRADE, M.; RIBEIRO, É. M. (orgs.). *Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero*. São Paulo: Edusp, 2003.
- [ANDRADE, M. de]. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- ANDRADE, M. de. O movimento modernista. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 253-255.
- _____. Elegia de Abril. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- _____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- _____. Um crítico. In: _____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins/INL, 1972, pp. 199-203.
- ANDRADE, O. de. Antes do “Marco Zero”. In: _____. *Ponta de lança: polêmica*. Obras completas, v.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1971, p. 42-47.
- _____. O caminho percorrido. In: _____. *Ponta de lança: polêmica*. Obras completas, v.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1971, p. 99-101.
- _____. *Um homem sem profissão: memórias e confissões*. I volume 1890-1919. Sob as ordens da mamãe. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- BESSA, M. S. Cornélio Penna: Um escritor na contramão. *Semear*, n.4 (2000), p. 87-98.
- BOAVENTURA, M. E. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo & Campinas: Ex-Libis & Ed. Unicamp, 1995.
- BOMENY, H. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: _____. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 28-29.
- _____. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 28-29.
- BORTOLOTTI, M. *Drummond e o Partido Comunista*. Blog IMS, 13/03/2013. Disponível em: < <https://blogdoims.com.br/drummond-e-o-partido-comunista-por-marcelo-bortolotti/> >. Acessado em: 08 nov. 2017.
- BOSI, Alfredo. O movimento modernista de Mário de Andrade. *Literatura e Sociedade*, n.7 (2004), p. 296-301.
- BRESCIANI, M. S. M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

- CÂNDIDO, A. O Mário que eu conheci. In: LOPEZ, T. P. A. (org.). *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta*: uma “autobiografia” de Mário de Andrade. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1992. [republicado em *Digestivo Cultural*, 24/03/2008. Disponível em: < http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=246&titulo=O_Mario_que_eu_conheci >. Acessado em 08 nov. 2017].
- _____. Prefácio inútil. In: ANDRADE, O. de. *Um homem sem profissão*: memórias e confissões. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, p. 9-15.
- CAPELATO, M. H. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, D. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 167-178.
- CARDOSO, R. Modernismo e contexto político: A recepção da arte moderna no Correio da Manhã (1924-1937). *Revista de História (USP)*, n.172 (2015), p. 358-359.
- CARRERI, M. L. *O socialismo de Oswald de Andrade*: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930. 2015. 175 f. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.
- _____. Oswald de Andrade e o PCB na década de 1930: moderno, modernidade e diálogo social. *ANPUH – XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013.
- CAVALCANTI, L. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In: PANDOLFI, D. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- _____. (org.), *Modernistas na repartição*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ/Iphan, 2000 [1993].
- CHAVES, S. da C. 22 por 1: o modernismo avaliado por Mário de Andrade. *Grau Zero*: Revista de Crítica Cultural, v.1 (2013), p. 9-22.
- CONDÉ, J. Escritores e livros. *Correio da Manhã* (Segundo Caderno), 24/03/1964, p.2.
- CUNHA, O. M. G. da. Sua alma em sua palma: identificando a “raça” e inventando a nação. In: PANDOLFI, D. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 257-288.
- CUNHA, V. da S. O Homem do povo: Oswald de Andrade e o jornalismo engajado. *Em Tese*, v.16 (2010), p. 36-55.
- CURY, J. J. *O teatro de Oswald de Andrade*: ideologia, intertextualidade e escritura. São Paulo: Annablume, 2003.
- DI CAVALCANTI, E. *Reminiscências líricas de um perfeito carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FERRARI, D. W. Diretrizes: A primeira aventura de Samuel Wainer. *Revista Histórica* (Arquivo Público do Estado de São Paulo), n.31 (2008).
- FERRAZ, G. G. (org.). *Paixão Pagu*: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FONSECA, M. A. *Oswald de Andrade*: biografia (São Paulo: Globo, 2007), p. 218-221.
- FRAGELLI, P. Engajamento e sacrifício: o pensamento estético de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.57 (2013), p. 83-110.

- FROTA, L. C. (org.). *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*, n.1. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- GALVÃO, L. M. *Constituição, educação e democracia: a Universidade do Distrito Federal (1935-1939) e as transformações da Era Vargas*. 2017. 238 f., il. Tese (Doutorado em Direito) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- GASPARI, E. *A ditadura acabada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- GOMES, A. de C. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
- GOTLIB, N. B. *Tarsila do Amaral: A musa radiante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- JARDIM, E. *Eu sou trezentos: Mário de Andrade, vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.
- _____. *Mário de Andrade: A morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JOBIM, J. L. O movimento modernista como memória de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.55 (2012), p. 13-26.
- KNAUSS, P. O homem brasileiro possível: monumento da juventude brasileira. In: _____. (org.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 31-33.
- LINS, Á. A crítica de Mário de Andrade. In: [ANDRADE, M. de]. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 21-29.
- _____. Crítica literária. Poesia e forma. *Correio da Manhã*, 21/03/1942, p.2.
- LOPEZ, T. P. A. “A arte tem de servir”: transcrição de uma entrevista de Mário de Andrade. *Almanaque*, n.8 (1978), p. 35-39.
- MACHADO, A. Mostra de Arte Social. In: ANTELO, R. (org.). *Parque de diversões – Aníbal Machado*. Belo Horizonte: UFMG & Florianópolis: UFSC, 1994, p. 149-158.
- MARTINS, W. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras, 2002 [1965].
- MICELI, S. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MORAIS, F. *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro, 1816-1994*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- MOREIRA, L. F. *Meninos, poetas e heróis: aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo*. São Paulo: Edusp, 2001.
- NEVES, J. *Geraldo Ferraz e Patricia Galvão: a experiência do suplemento literário do Diário de S. Paulo, nos anos 40*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.
- NUNES, C. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema no governo Vargas. In: BOMENY, H. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 103-125.

- OLIVEIRA, L. L. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: BOMENY, H. (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 37-58.
- PINTO, M. V. Modernismo brasileiro: que retrato do Brasil?, *Semear*, n.10 (2004), p. 153-166.
- PONTES, H. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PORONOMINARE, Uma adesão que não nos interessa. *Revista de Antropofagia*, II, n.10, *Diário de S. Paulo*, 12/06/1929, p.10.
- PRESTES, M. *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro & São Paulo: E-papers & Anita Garibaldi, 2012.
- QUADROS, A. C. de. *Oswald de Andrade no jornal O Homem do Povo*. 2009. 248 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada), Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, 2009.
- RAMOS JR., J. de P. Mário de Andrade e a lição do modernismo. *Revista USP*, n.94 (2012), p. 49-58.
- RODRIGUES, A. L. *Fraturas no olhar: realidade e representação em Cornélio Penna*. 2006. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2006.
- SANTIAGO, S. *Ora (dizeis) puxar conversa: ensaios literários*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2006, p. 113-131.
- _____. Sobre plataformas e testamentos. In: ANDRADE, O. de. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 1991, p. 7-24.
- SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra ; FGV, 2000.
- SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 212-218.
- SILVA, A. G. da. A recriação “atlântica” do processo colonizador português. A revista Atlântico (1941-1945). *Revista Angelus Novus*, n.2 (2011), p. 110-141.
- SILVEIRA, É. Di Cavalcanti memorialista – boemia, arte e política. V *Encontro de História da Arte – IFCH/Unicamp* (2009), p. 405-412. Disponível em < <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/SILVEIRA,%20Eder%20-%20VEHA.pdf> >. Acessado em: 08 nov. 2017.
- VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: Nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, v.6 (1993), p. 89-112.
- _____. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*, n.9 (1997), p. 57-74.